

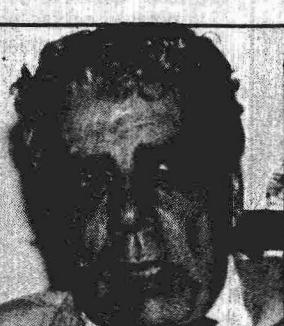
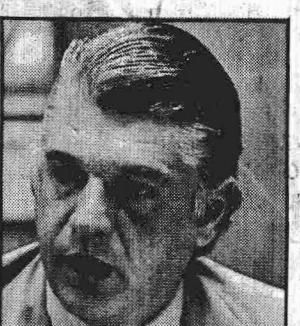
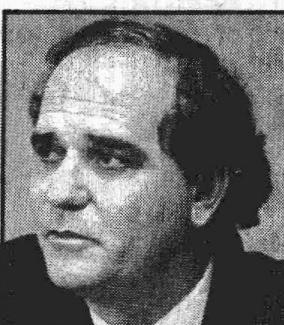
# Para empresários, hora é de austeridade

Austeridade na hora de gastar e competência no momento de investir. Esta deve ser a tônica das administrações pública, empresarial e pessoal no ano de recessão que se anuncia, segundo 13 empresários consultados pelo GLOBO. Chamados a dar conselhos para 1991, eles demonstraram estar pessimistas sobre o comportamento da economia, ao ponto de Arthur Sendas, Presidente do grupo Sendas e da Associação Brasileira de Supermercados, dizer que é preciso ter fé em que vai melhorar.

Só mesmo a proteção divina para amenizar os efeitos da crise, que pode deixar como única alternativa à população ter calma e tentar preservar seus empregos, conforme opina Antônio Ermírio de Moraes, Superintendente do grupo Votorantim. As sugestões de Carlos Eduardo Uchoa Fagundes, Vice-Presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), vão, porém em outra direção. Ele indica uma postura menos passiva: de que os brasileiros devem organizar-se em centros de pressão, como associações de classe, bairro, de pais e mestres, entre outras, para defender seus direitos.

Olavo Monteiro de Carvalho, Presidente do grupo Monteiro Aranha, é um dos mais objetivos

em suas "dicas". Ele diz que as pessoas devem adiar as compras, porque terão oportunidade de consumir melhor mais à frente. Além disso, aconselha, pragmaticamente, devem sempre que possível manter alguma reserva financeira.



social seja preservada.

Quando se trata das empresas, os conselhos são convergentes: enxugar a estrutura, se necessário reduzindo funcionários e fundindo departamentos, fugir das taxas de juros e só gastar o essencial, em aumento de eficiência e produtividade. Alvaro

Augusto Vidigal, virtual Presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, a ser eleito em 7 de janeiro de 1991, acha que os empresários precisam aceitar uma certa dose de sacrifício e só demitir trabalhadores em último caso, para que a tranquilidade

social seja preservada. O gerenciamento diário do caixa é o que indica Olavo Monteiro de Carvalho, enquanto Theophilo de Azeredo Santos, Presidente do Sindicato dos Bancos do Rio, diz que a redução dos custos das empresas deve

ser compatível com a nova realidade econômica recessiva e que as vendas devem ser estimuladas por investimentos em marketing. Fernando Nabuco, Presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, acrescenta ainda que os empresários não devem desistir do pacto social: "precisam se aliar aos trabalhadores e definir um caminho para a sobrevivência de todos".

Para o Governo, a redução de gastos, o enxugamento da máquina e o aumento da arrecadação, via cobrança eficiente dos impostos, são as principais sugestões. Mas Theophilo de Azeredo Santos também opina que o Governo deveria propor uma reforma constitucional que possibilitasse a redução das transferências de recursos para os Estados e Municípios, consideradas por ele excessivas.

Mário Amato, Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), preocupado com os efeitos da crise, opina somente que o Executivo deve tomar medidas para abrandar a recessão. Mas Oded Grajew, Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos, vai mais além, lembrando que os efeitos sociais da política recessiva podem inviabilizar os projetos de desenvolvimento do País. Também para ele, o entendimento é a forma de reduzir o impacto das medidas de ajuste.

## No próximo ano, o que você aconselharia...

AOS EMPRESÁRIOS	ÀS PESSOAS FÍSICAS	AO GOVERNO	AOS EMPRESÁRIOS	ÀS PESSOAS FÍSICAS	AO GOVERNO
Arthur Sendas, Presidente do Grupo Sendas e da Associação Brasileira de Supermercados (Abras)	Evitar os juros, não tomar dinheiro emprestado e enxugar os estoques. Além disso, é bom manter a empresa o mais enxuta possível.	Trabalhar muito e ter fé de que vai melhorar.	Procurar o apoio do Congresso e, acima de tudo, a proteção divina. Todos precisam se convencer, também, de que será necessário aceitar sacrifícios.	Fernando Nabuco, Presidente da Bovespa	Não devem desistir do pacto. Precisam se aliar aos trabalhadores e definir uma caminho para a sobrevivência de todos.
Olavo Monteiro de Carvalho, Presidente do Grupo Monteiro Aranha	As empresas devem se manter enxutas e buscar o aumento da produtividade. É fundamental, também, gerenciar diariamente o caixa.	Adiarem o consumo, porque terão oportunidade de consumir melhor mais à frente. É bom, também, tentar manter uma reserva financeira.	Aprofundar o ajuste fiscal. Isso deve ser feito, prioritariamente, através do corte de despesas.	Léo Cochrane Jr., Presidente da Febraban	Deverem trabalhar com cautela, manter suas empresas capitalizadas e estoques e preços em níveis baixos. O momento é de sobrevivência.
Mário Amato, Presidente da Fiesp	Devem levar em conta que o homem é a razão de todas as coisas e não pode ser massacrado.	Têm que acreditar e ajudar o Governo, concedendo-lhe 100% de credibilidade ao invés dos 58% atuais.	Não quero dar conselhos ao Governo, mas acho que o Executivo deve distribuir melhor as perdas e tomar medidas para abrandar a recessão.	Ricardo Eichenvald, Presidente da Ourinvest	Precisam aumentar a produtividade e a qualidade de seus produtos.
Carlos Eduardo Uchoa Fagundes, Vice-Presidente e Diretor do Departamento de Documentação, Estatística, Cadastro e Informações da Fiesp	A indústria tem um desafio enorme diante da recessão e da diminuição da atividade econômica, que é vencer a competição estrangeira com produtos de alta tecnologia. Não podemos deixar de lutar.	Deverem cada vez mais participar do processo democrático. Organizar-se em centros de pressão, como associações de classe, de bairros, de pais e mestres, entre outras, para defender seus objetivos. É preciso lembrar que o País é maior que todos nós.	Procurar ter um diálogo maior com a sociedade civil para que todos façam força para o mesmo lado. Deve, também, distribuir melhor a renda e derrubar a inflação. O brasileiro precisa voltar a sorrir, tendo emprego e salários.	Alvaro Augusto Vidigal, Presidente da Bovespa de São Paulo	Precisa aceitar uma certa dose de sacrifício e só demitir trabalhadores em último caso, para que a tranquilidade social seja preservada.
Oded Grajew, Presidente da Associação Brasileira de Brinquedos	Que os empresários não fiquem dependendo do Governo e tenham uma atuação mais firme em suas associações de classe. Devem ser atuantes nas mudanças que acontecem ao seu redor.	A conscientização de que o seu destino não depende dos outros. Ou seja, dos políticos, do Governo e dos empresários. A sociedade precisa se organizar porque depende dela própria.	Perceber que os efeitos sociais da política recessiva que está implementando vão inviabilizar os projetos de desenvolvimento. Deveria ter uma postura mais solidária, permitindo aumentar a participação em torno de um entendimento nacional.	Theophilo de Azeredo Santos, Presidente do Sindicato dos Bancos do RJ	Investir em eficiência e produtividade, para obter uma redução de custos compatível com a nova realidade econômica. É preciso, também, investir em marketing, para obter aumento nas vendas. Sem isso, dificilmente se conseguirá estimular as vendas.
Antônio Ermírio de Moraes, Superintendente do Grupo Votorantim	Ao empresário, o aconselhável é prudência. Muita paciência para não dar um passo maior do que o normal.	A população deve ter calma e pelo menos tentar preservar seus empregos neste momento. Deverá enfrentar também o problema da quebra da safra agrícola, que poderá causar falta de alimentos e aumentos de preços.	Aconselho que o Governo seja mais duro na cobrança dos impostos e negocie a dívida externa. Não é preciso aumentar os impostos, mas sim cobrá-los de quem não paga.	Luiz Masagão Ribeiro, Presidente da B3	Apesar da justa luta por seus direitos, a população deve ter em mente que há uma conta a ser paga. Uma distribuição de renda justa pressupõe que cada um dê sua cota de sacrifício.
Wilson Brumes, Presidente da CVRD	Aumento de produtividade e competitividade.	Dar conselho para um assalariado que está com a renda muito achatada é difícil. Para quem tem dinheiro sobrando, o ideal seria investir no mercado financeiro.	Tem que reduzir sua participação na economia. Mas muitos empresários ainda não estão acostumados a conviver sem esse patrão chamado Estado.		Os empresários devem mudar de mentalidade e se conscientizar de que o regime de livre concorrência é realidade. Acabou o "paizão", representado pelo Governo. Qualquer empreendimento hoje pressupõe riscos.